

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 5 DE FEVEREIRO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 410

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
Aluizio Azevedo,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo:	
IX Arthur Azevedo.....	M. SAMPAIO.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Cartas do Olympo—IV.....	PNEBO-APOLLO
Canhenho do um excursionista.....	A. CELSO JUNIOR.
Mãe, soneto.....	O. BILAC.
Jornaes e revistas.....	S.
A. Credora.....	G. MENDES.
No alto da serra, soneto	P. PALMEIDA.
Theatros.....	P. TALMA.
Festas, bailes e concertos	LOGNON.
O escandorijo da alma, soneto.....	H. DE MAGALHÃES
Trates á bola.....	FR. ANTONIO.
Factos e Noticias.....	
Secção de honra.....	
Correio da Gerencia.....	
Rocubemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Prevenimos os nossos assignantés que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser ontro o nosso procedimento.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem no nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um tempo, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.



E' hom que a historia o saiba: elle chama-se Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo.

E' o primeiro, e, provavelmente, será o ultimo Nabantino que tenho conhecido em minha vida.

Um dia a provincia do Maranhão commetteu o attentado de produzir o celebre Maranhense de escandalosa memoria; mas, por grave que fosse tal delicto, não pôde pezar a consciencia de quem tem dado ao Brazil os nomes gloriosos de João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Henrique Leal, Gomes de Souza, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Candido Mendes, Celso de Magalhães, Joaquim Serra, Gentil Homem de Almeida Braga, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Aluizio Azevedo e Teixeira Mendes.

Pois bem; o meu homem teve a felicidade de deixar cahir o umbigo naquella terra de eleitos e de Mendes, e tanto bastou para que as musas, dando-se as mãos e entoando um côro adequado á circumstancia, o sagramsem no berço com um de seus filhos dilectos.

Palavra! se eu não fosse bahiano, quizarn ser maranhense.

Em que dia cahiu o umbigo de Arthur não sei dizer, mas foi provavelmente a 11 ou 13 de Julho de 1853, pois que elle soltára o primeiro vagido a 7 d'aquelle mez e anno.

Aos quatro annos de idade Arthur já lia; aos nove já fazia versos e versos superiores aos que muito marmanjo barhado publica de quando em vez nos — a pedidos — do *Jornal do Commercio*; aos treze o pae netteu-o no commercio,

ambicioando vel-o algum dia dono de uma loja no Maranhão. Felizmente, porém, para as letras patrias, Arthur sentia completa negação pelo negocio; o balcão horrorisava-o; o covado, então usado, aterrava-o não tanto como medida de fazendas, mas por servir ás vezes de medida da colera dos patrões.

As letras attrahiam o caixeirinho e o resultado de tal attracção foi que o rapasinho fundou um jornal denominado — *O Domingo*, que enchia com suas produções.

Ora caixeiro redactor de jornal é caixeiro perdido, e assim foi que Arthur, despedido por inepto de algumas casas commerciaes, vio-se obrigado, em boa hora, a abandonar o commercio, que, naturalmente, rendeu graças ao céu por ter ganho aquella perda.

Do commercio passou o nosso Nabantino para a secretaria do governo, onde não esquentou logar, porquanto, sendo-lhe attribuida uma satyra que apparecera contra altos potentados da terra, o presidente da provincia mandou-o passar.

Ignoro se Arthur algum dia manifestou a sua gratidão ao presidente: — se o não fez andou mal. Era caso para isso, pois da demissão dada em 1873 originou-se a sua partida para o Rio de Janeiro, onde o Arthur Nabantino tornou-se o Arthur Azevedo que todos admiramos e applaudimos.

Vir para a côrte é cousa facil; mas encontrar um emprego, *hoc opus hic labor est*.

— Vou empregar-me em algum col-

legio, pensou Arthur; ensinari-me-minos.

Com esta resolução dirigiu-se a um collegio importante.

— O que pôde o senhor ensinar? perguntou-lhe o director.

— Francez.

— Ah! Temos um excellento professor d'essa materia...

— A' a suas ordens, Doseculpe...

E lá se foi o meu Arthur para outro collegio.

— Então o senhor propõe-se ensinar...

— Francez e geographia.

— Sou su mesmo quem lecciona essa materia... por isso sinto muito...

— Oh! senhor! queira desculpar.

Nun terceiro collegio:

— Posso ensinar francez, geographia, portuguez e até mesmo arithmetica.

Ah! nós precisamos de um professor de latim... Emfim, deixe-me n sua residencia, se houver necessidade...

— E' favor. A's suas ordens.

No collegio Pinheiro:

— ...?

— Tudo!

O director gostou da resposta; Arthur explicou-lhes a sua posição e ficou empregado como professor de portuguez.

Ensinando no collegio, trabalhando no jornal *A Reforma*, que então existia, viveu o meu amigo até 1875, em que foi nomeado mnunense da secretaria da agricultura, onde até hoje se tem conservado com grande satisfação de seus chefes que nelle encontram um excellento e zeloso auxiliar, digno de honrear com os melhores funcionarios publicos.

Tendo firmado uma posição que o abrigava das primeiras necessidades, Arthur entregou-se á vontade aos trabalhos litterarios.

O poeta desenvolveu-se; o prosador aperfeicou-se; o critico revelou-se; o comediographo snrgio possante e fecundo.

As faces, porém, mais esalientes do talento de Arthur Azevedo são, incontestavelmente o theatro e a poesia.

A sua primeira composição dramatica representada foi o — *Amor por annos*, excellente comedia em um acto, que ainda hoje figura no repertorio ds algumas companhias e que até em Lisboa foi exhibida com geral agrado.

Seguiu-se a *Vespera de Reis*; mais tarde — *A Filha de Maria Angil*, um dos maiores, senão o maior successo de opereta no Brazil, e que abriu de par eu par ao seu auctor as portas de todos os theatros.

De então para cá tem sido um nunca acabar de triumphos, que não ennumero por não caber a enumeração nos limites deste despretencioso artigo, o qual não ambiciona nome de biographia, visto que a biographia de Arthur Azevedo não se pôde escrever em duas ou tres columnas, mas em alentado volume.

Poucos escriptores, bem poucos, terão produzido tanto como elle num periodo de dez annos.

Arthur é incansavel; faz verdadeiros prodigios de trabalho.

Não ha muito que elle era a um tempo: empregado publico, redactor do *Diario de Noticias*, da *Vida Moderna*, e do *Mequetrefe*, correspondente do *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e collaborador da *Estação*.

E durante todo este periodo não cessaram os theatros de fazer representações compositions suas.

Devo des de já declarar, em hem dos creditos do official da Secretaria da Agricultura, que das 9 horas da manhá

ás 3 da tarde das lhas uteis elle só trabalha para o Estado.

Imaginem que tempo tem para descansar?

Pois apesar d'isso engorda, engorda cada vez mais.

Os invejosos, que os tem Arthur em não pequeno numero, vendo-o produzir tanto, accusam-no de escrever tudo sobre a perna.

Que grande accusação!

Quem dera a muitos d'elles produzir sobre a meza e com vagar, pensadamente, metade e tão bom.

E depois, que dinbo! o jornalista que é obrigado a escrever *au jour le jour* hade forçosamente escrever sobre a perna, do contrario não será jornalista.

Outra pedra de escandalo explorada contra o meu amigo foi o elle declarar-se homem pratico.

Homem pratico, o Arthur!

Só quem o não conhecer pode acreditar em tal.

Arthur é o homem menos pratico do mundo, tudo quanto ha de menos pratico.

Não tivesse elle a alma que tem, alma grande, nobre e generosa, e só assim poderia ser homem pratico.

— Tão pouco pratico é, que, ganhando muito dinheiro, se morrer amanhã apenas deixará em testamento á familia, o que talvez não possam deixar muitos dos que, mais praticos do que elle, o accusam, honradez e pobreza.

Arthur é um — mãos rôtas! — conhece tanto o verbo — dar — como desconhece o — guardar —; e, se algum dos que o apodam de pratico lhe for pedir dez mil réis e elle só tiver cinco, irá tomar emprestados os cinco que faltam para completara quantia.

Se isto é ser pratico, por Deus! vivam os jornalistas *theoreticos* que têm cusns e aplices!

MOREIRA SAMPAIO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Gracás, hom Deus dos chronistas semanaes, gracás! que nos deste uma semana chein!

Pelas suas sete veias correram. com o sangue dos suicidios e das tentativas de assassinato, os escandalos, as reuniões incandescentes, as noticias de sensação.

Eu e os meus collegas, lambões insaciaveis de assumpto, não nos poderemos queixar senão de excesso d'elle nesta semana. O difficil está em escolher e em ser sobrio. E' preciso temer as indigestões, de qualquer caracter que sejam.

O que principalmente agitou a semana, o que a sacudiu e queimou de febre intensa foi a já famosa questão militar, que jazia adormecida, mas não extincta, sob a cinza do esquecimento que tudo cobre neste paiz de indifferentes.

A chegada dos illustres officiaes protestantes foi que avivou a questão dorminte. Os tres distinctos officiaes não se contentaram com chegar; não senhores! Chegando, foram apresentar-se ao Sr. ministro da Guerra; ninguém soube para que fim, mas eu já no sabado passado disse desconfiar que era para alguma coisa. Oh! os meus presentimentos são como os de todo o mundo: — nunca me enganam. Foi effectivamente para alguma coisa que elles se apresentaram ao ministro: — foi para protestar! E' verdade; ninguém o diria, mas é evidente que foi para isso.

Não contentes, porém, com essa resolução heroica, resolveram tambem reunir-se na quarta-feira no Recreio Dramatico, ainda para protestar. Nesse memoravel dia, horas depois da reunião, encontrei na rna do Ouvidor um

amigo atorrado, que, dirigindo-se a mim e tomando-me mysteriosamente do braço, disse-me cheio de terror:

— Sabes? Vae haver o diabo! Os coronéis deram-se no Recreio aos mais descnfrados excessos...

— Quo me dizes, homem?

— Digo-to isto! E mais...

— Então que fizeram ellos?

— Que fizeram, desgraçado, que fizeram; queres saber o que elles fizeram?

— Descnbutcha, ou matas-me de curiosidade!

— Pois nhí vae; aguenta-te lá: Nomearam uma...

— ?

— Uma commissão!

— Um commi...

Não pude acabar... Fui d'alí carregado em hrças para a pharmacia Soulié, onde me applicaram dois synapismos nas pernas e me deram a beber uma talba d'agua.

Mais tarde, já senhor de mim e restabelecido inteiramente do terrivel susto, soube que não era verdade. Os briosos militares não tinham nomeado commissão nenhuma. O que elles tinham feito fora redigir uma moção e encarregar o Sr. general Deodoro de a apresentar ao imperador.

Nessa moção diz o exercito que não julga terminado com honra para si o conflicto suscitado entre elle e o governo, enquanto perdurarem os effectos dos avisos inconstitucionaes etc, etc;

Que pensa tambem que só a cessação de qualquer medida tendente a perseguir os officiaes adherentes á questão, poderá acalmar a irritação e o desgosto que reinam nas suas fileiras;

Que recorre confiante á alta justiça do chefe da nação para pôr termo ao estado de agitação em que se acha ainda a classe militar que só provas de resignação e disciplina até hoje tem dado.

Nós, que não somos de modo nenhum interessados no conflicto, que não somos nem pelo exercito nem pelo ministro, poderíamos discutir os termos d'essa moção. Não o faremos. O que porém, nos parece de costa arriba é que o exercito nos venha dizer, exactamente quando se declara agitado, desgostoso e irritado, — que só tem dado até hoje provas de resignação e disciplina!

O Sr. director da escola militar é que parece não ser dos adherentes nos seus collegas protestantes. Este official nomeou uma commissão de inquerito, segundo diz a *Gazeta* de hontem, para saber quaes foram os alumnos d'aquella escola que assistiram na quarta-feira á reunião havida no theatro Recreio. A commissão compõe-se de um tenente coronel, um major e um capitão.

Ora o director da escola, que quer saber quaes os alumnos presentes á reunião, não é, decerto, para lhes dar o habito de Christo, ou para lhes distribuir mãe-hentas. Para que será pois? Será para dar aos seus collegas do Recreio Dramatico uma prova da *cessação das medidas tendentes a perseguir os officiaes pelo facto de terem adherido á questão militar?*

Respondem os bravos defensores da patria.

Que lhes direi, leitores caros e baratos, das temerosas noticias de Campos?

Falar-lhes-ei das revoltas da goiabada? Mas vós não me screditareis por saberdes ser a goiabada de Campos nm dos mais famosos adstringentes.

Entretanto, e desgraçadamente, as noticias da patria do Sr. Malvino não

são para rir. Houve grosso conflicto no recinto onde se effectuava umn conferencia abolicionista. D'esse conflicto resultaram varios ferimentos o uma morte. Poissenhos, om Campos ninda se mata gente por causa da generosa idéa da abolição dos escravos?

Mas Campos então, perdõe-me o illustre o commendadorissimo Sr. Malvino — Campos então está mais atrazada do que a costa d'Africa!

Nas regiões do Zamboze e do Congo já se não mata ninguem por ter uma idéa.

E os incendios dos cannaviaes? E' com certeza uma infamia lançar fogo aos pobres cannaviaes inermes; mas que adjectivo caberá a um governo que, para descobrir os auctores d'esse crime, promette aos delatores dinheiro ou a liberdade se forem captivos?

D'aqui a pôr-se a premio as cabeças dos criminosos, vae apenas um passo. E' o systema dos tempos nefastos da velha Roma dissoluta dos tyrannos, resuscitando por um paiz novo, muito penetrado de dissolução, é verdade, mas novo!

Veremos no que dá a inquisição do governo em Campos.

Deu-se tambem na quarta-feira um grande acontecimento theatral; o leilão das joias, objectos de scena, vestuarios theatraes, e archivo manuscrito do repertorio de Lucinda e Furtado Coelho.

Este leilão entristeceu-me. Furtado Coelho havia-me dicto, antes de partir para S. Paulo, que depois d'aquella excursão nom elle nem Lucinda tornariam a representar; que abandonavam definitivamente a scena. Eu, porem, que sei como os artistas em geral são voluveis, não acreditei na resolução dos notabilissimos creadores de Olivier de Jalin e da baroneza d'Ange no Brazil.

Agora, esto leilão inesperado confirma o que me dissera Furtado Coelho.

Eu por mim declaro-me roubado. Façam-me o favor de dizer quem me hade representar agora em portuguez os primores da comedia franceza; digam-me quem hade interpretar com toda a finura, com toda a correção, com toda a malicia, com toda a ironia e com todo o talento de Lucinda aquella arrebatadora d'Anje, aquella temivel Falconière, aquella leviana e graciosa Cypriana, aquella esplendida Thereza Raquin, e tantos outros typos da finissima e complicadissima comedia moderna!

E Carnioli, e de Jalin, e Bellac, e Jorge Duval? Quem hade supprir o grande artista que lhes emprestava o encanto inimitavel da sua dicção, a graça da sua alta elegancia, a noheza da sua grande distincção?

Com Furtado Coelho desaparece da scena o ultimo *diseur*, e acaba-se o ensaiador primoroso e incomparavel, que montava uma peça com o capricho e os carinhos com que montava a sua propria caea; vae-se o mestre intelligente, á roda de quem não appareceu nunca principiante que se não pudesse ver ou ouvir; com Furtado Coelho perde o theatro do Brazil o artista eminente que mais o ten presado e honrado pelo talento, pelo trabalho, pela dedicação. O grande educador artistico do nosso theatro, aquelle homem verdadeiramente superior, que mantinha pelo seu enorme prestigio o respeito do palco e a veneração da platéia; o actor, o poeta,

o musico, o dramaturgo, Furtado Coelho omfim — retira-se definitivamente da scena, abandonn a arte, vae passeiar o divertir-se, ser industrial, talvez, ou proprietario, querá!

E' mais. Elle não vae só: arrasta criminosamente consigo a sua esposa, aquella adoravel Lucinda; ronba-a aos nppinuos e á admiração do publico, em plena mocidade, na esplendida primavera do talento, quando podia começar a ser verdadeiramente grande, pela consagração unanime das platéias, quando podia formar e completar a galeria de typos que immortalisam os artistas dramaticos!

Nadn! Não me enganasa, caçador. Eu penso como o velho Simões: — Quem tem a *faguilha* nunca abandona de todo a arte.

Ainda não estava de todo esquecido o caso da prisão illegal do Sr. Bevilaqua e já a policia, ou alguém por ella, proedia do mesmo modo com um empregado no commercio, o Sr. Turio Eduardo. Eu, como não quero emmarnhar-me nos *cavaignacs* policiaes, não commento o caso. Calo-me; metto prudemente a violla no sacco.

No mez passado veio-nos de Lisboa a noticia circumstanciada do terrivel desastre do paquete *Ville de Victoria*; nesta semana chegou-nos um telegramma de Maceió em que se diz simplesmente ter havido em alto mar, a 500 milhas d'aquelle porto, o abalroamento da barca *Adamelmore* pela galéra *Kapunda*, ambas inglezas.

Sabe-se que neste duplo naufragio pereceram 304 pessoas!

Que horror!

Houve tambem suicidios, tentativas de suicidios e ditas de assassinato. D'estas tragedias foram distribuidos os papéis romanticsos no Sr. Eduardo del Castillo Junior e á cidadan franceza Maria Fernandes. Elles amavam-se e viviam maritalmente na casa de peusão da praia do Flamengo n. 72. Ultimamente, o rapaz, que é americano, sonhando naturalmente com a liberdade, resolveu ir para New York. Msria sentio o demonio do ciume a berrar-lhe no cerebro e a mostrar-lhe cutellarias e drogarias. No dia 1, pela madrugada, quando o amante dormia o somno da innocencia, ella pegou de um punhal e ferio-o no peito; Castillo levantou-se, luctou com ella e desarmou-a; ella então, que já tinha ingerido acido oxalico, disparou dois tiros do revolver contra si propria. Felizmente, Castillo desviou-lhe o braço e as balas pouco a feriram.

Como ella, além do veneno, se deu uma porção de punhaladas, o seu estado é grave. Os ferimentos do rapaz são levs.

Que direi d'este drama de amor e de ciume? Amparar-me-ei a Shakespeare e a Victor Hugo, ou deixarei que o leitor faça por mim os comentarios? Agrada-me mais a segunda hypothese. Dá-me menos trabalho; e depois, que diabo! o amor precisa d'estas emoções, e um pouco de sangue de vez em quando não é coisa que assuste amantes resolutos ou romanticsos, dos que olham para a lua como para um astro poetico e protector...

Magnifico, *O Paiz* de hontem!

Dá-nos a importante noticia de que o

Sr. capitão de mar e guerra E. Wandenkolk está tractando de melhorar o ponto de desembarque do lazareto da ilha Grande, arrebatando as pedras existentes no fundo do mar. E termina:

« O distincto official praata assim um ralavante serviço, no mesmo tempo que amproga a sua guarnição em um trabalho que não será talvez a unica occasião a se lhe deparar. »

Isto ha do quorer dizer que sua guarnição que fará se lhe deparar o que lhe depare nas pedras da consequencia grammatical do lazareto não obstante.

Em clareza nunca vi nada mais alctraão!

Para compensar, porém, aquelle desnatrado periodo, ha na primeira pagina um artigo de fundo notabilissimo. Nesse artigo, onde se revela toda a pericia, todo o talento, toda a finura e toda a habilidade do redactor politico d'O Paiz, as idéas são claras e elevadissimas, o ponto de vista social é criterioso, a linguagem é de uma eloquencia pasmoa, o estylo puro, as imagens luminosas e nureoladas por um claro nimbo de grandeza e de concepção. E, finalmente, um artigo de mestra, cheio de enthusiasmo, de isempção, e que só por si daria ao seu auctor a reputação de primeiro jornalista do Brazil, se elle ainda carocesse d'essa alta distincção. A questão politica da actualidade, que preoccupa os espiritos rectos, o estado actual da sociedade brasileira, as relações do povo com o governo, os deveres civicos dos cidadãos, as aspirações da nacionalidade, as ambições civilisadoras da raça americana; tudo, todos os ideaes o todas as idéas, todas as questões de peso, todos os problemas sociais que se agitam no Brazil, desde o do elemento servil ao das prerogativas militares; tudo é nesse esplendido artigo tractado, discutido, resolvido — á luz da scioncia, ao criterio da razão clara, numa elevação a que o jornalismo nacional nunca attingio! O artigo intitula-se singelmente — *A Solução.*

O jornalista que traça uma peça de tão grande valor litterario e politico, pode quebrar a sua penna. Ella nunca mais traçará linhas eguaes, porque não ha escriptor que na sua vida escreva duas obras de tamanha valia!

O Paiz nunca deveria ter publicado outro artigo e não poderá publicar d'oravante nenhum onde a penna do seu illustro redactor não siga o caminho trilhado naquelle fulgor estupendo do espirito humano, que no seu numero de hontem se chama singelmente — *A Solução!*

Parabéns n O Paiz e profraças ao Brazil, que possui um organ tão bom compenetrado dos seus interesses e das suas necessidndes sociais.

FILINDAL

CARTAS DO OLYMPO

IV

(Guerra... Gritos atroadores, Surdos sons, surdos abalos, Rufos roucos de tambores, Tropel veloz de cavallos...

Rolam as ondas ardentes Dos compactos batalhões Exordios incandescentes, Acezas perorações.

Os olhos pulam; crispadas As boccas torcem-se e gritam; E como duras espadas As duras liguas se agitam.

Animos quentes... Batalha De discursos a granel: Faz mais rumor que a metralha O apsech de um coronel.

Pois de nenhum modo aterra Luctar no Theatro Recreio A quem no theatro da guerra Sempre luctou sem receio.

Espanta gloria tamanha! Já não é pouco saber Vencer no ardor da campanha, E na tribuna vencer.

Gloria aos bravos que puziram, Ministro, a tua imprudencia! Vergonha ás chaves que abriram As torneiras da eloquencia!

Por sua causa o Theatro, Que os *calombours* escutou E as phrases e os diabo a quatro Da Familia de Orjonneau,

E que a acção commovedora Viu desenrolar-se inteira Da *Martyr*, da *Roubadora*, E dos *Crimes da Parreira*,

Agora escuta ollegante, Em vez do dicto jovial, A tormenta retumbante Das iras de um general.

Mortaes guerrellos: de cima Do monte de ouro que habito, — Do Olympto que a luz anima De um sol eterno e infinito,—

Ardendo em jubilo e gloria, Mando-vos o parabem De Marte—o deus da victoria E... das *conquistas* tambem.

Marte, que a fronte cansada Pousa no seio de Venus, E a alma triste e angustiada Bauba em seus olhos serenos,

Marte que, velho, os pezares Geme aos pés da mãe de Amor, — Ouvindo-vos, militares, Sae, de um pulo, do torpor.

E, entusiasmado e contente, Empunha o pavez, e busca Brandir com a mão impotente A enferrujada farrusca:

— « Meus filhos! (brada, tremendo De alegria) Batalhae! E, batalhar não podendo, Filhos, ao menos... fala! — »

PHEBO-APOLLO.

CANHENHO DE UM EXCURSIONISTA

LATORRE, MITRE E SARMIENTO

II

De D. Lourenço Latorre, ex-dictador da Republica Oriental do Uruguay, só fugitivos traços pude colber. Vi-o duas vezes em Buenos Ayres, onde se achava exilado, E' um sujeito alto e ossudo, meio desengonçado, trefeg, irrequieto, com siguaes de escrophulas no pescoço. Fala gritando, entrecertadas as phrases de grandes risadas. Referindo-se á sua patria, repatio-me o que affirma no manifesto famoso com que inesperadamente largou o poder: « E' um paiz ingovernavel, senhor, ingovernavel. » E, pondo-se de repente de pé, cruzando os braços num movimento brusco, cravando os olhos nos meus, os sobrólhos carregados, soltou uma estrepitosa gargalhada.

Por essa epocha D. Lourenço Latorre havia sido privado (borrado, como lá

dizem) de todas as suas patentes e regalias do Estado Oriental. Não se mostrava absolutamente preocupado com isso, nem queixoso do excessivo rigor das actoridades brasileiras quando se effectuou a sua internação no Rio Grande do Sul. Falava-se em que os seus inimigos planejavam assassinalo na rua. Vultos suspeitos haviam-no aeguido por mais de uma vez. Alludio a isso sorrindo; e, como eu lhe ponderasse o perigo, indicou com um expressivo mexer de labios desdenhosos a salieacia que, sobre o qundril, debaixo da sobrecasaca, ceremoniosamente abotoada, fazia a coronha de um grosso revolver.

Bella, sympathica, impressionadora a cabeça de D. Bartholomé Mitre, destacando, pallida e energica, com uma profunda cicatriz em meio da larga testa, dos livros e jornaes da mesa de trabalho, em um severo gabinete, na redacção da *Nación*, afogado na mein luz peculiar a todos os salões do Rio da Prata. Diante da figura sombria e erecta do velho ex-commandante em chefe dos exercitos da triplice alliança, sente-se uma ovanagação de nusteria melancolia, uma irrdiação de grandes desillusões e fe chimeras altivas, um echo de nobres palpitações dolorosas, um perfume ideal da superioridade... Fui-lhe apresentado por seu filho, o meu distincto e infeliz amigo Adolpho Mitre, que ha dois annos tão de subito e cruelmente falleceu. Politico, jornalista, historiador, orador, poeta, litterato, pasinou-me o general com a sua erudição e com a amenidade do seu tracto. Converso em diapasão oratorio, accentuando as palavras num rythmo lento, a voz veada, a espagoes, de tons soturnos. Parece estar sempre n preferir cousas graves e mysteriosas.

« A primeira vez que tive a honra de procurar o vosso imperador, referio Mitre, recebeu-me elle com uma noticia má:—perguntou-me se eu já tinha conhecimento de uma recente e terrivel excursão de indios em meu paiz. Sem pestanejar, retorqui que ignorava esse facto, mas que me cabia a satisfação de comunicar a Sua Magestade a abertura de mais uma estação na estrada de ferro transandina. O monarcha sorrio e acabamos muito bons amigos. »

Mitre é um dos homens mais respeitdos da Confederação. O seu jornal, a *Nación*, exerce acção incontestavel sobre a orientação publica. E' um dos primeiros jornaes da America do Sul, ou, pelo menos, um dos mais compridos e largos do mundo. As suas columnas são quasi do tamanho de um homem, o que torna assás incommoda a sua leitura. Em compensação, os escriptos, posto muito extensos, primam sempre pelo criterio e elevação. Não admitta a pedidos, nem folhetins. Traz diariamente duns e tres columnas de telegrammas do mundo inteiro e um artigo de fundo, massivo e colossal. Entre os seus correspondentes da Europa, conta-se Emilio Castellar. Mitre nem sempre escreve, porem inspeciona toda a redacção, residindo no proprio predio da typographia,—um verdadeiro palacete. Abi recebe os seus numerosos partidarios, pertencentes em geral á moderna geração argentina, que a sua inspiração, eteroamente moça, illumina, aconselha e guia. Ha quem note na inalteravel circumspecção de sua compostura, a gravidade dos seus tuodos magestosos, na sua lingnagem pomposa, alguma coisa de estudado e de theatral.

A verdade é que a gente, a orelha-o, leva dentro em ai rutilos reflexos, experimentando a dilatação de sentimentos e de ideias, a impulsão para cima que produz o attrito de um espirito superior.

Domingo Sarmiento é um insinuante velho, physionomia aberta e expressiva, muito acieado, muito falante, muito negro, muito vivo, vestindo a ingleza, a barba sempre escrupulosamente esanhoada. Anda invariavelmente acompanhado de um dos seus netos, porque já lhe vae avançada a idade e está quasi completamente surdo. Cita a cada passo os Estados Unidos, onde representou por largo tempo o seu paiz. Refere-se tambem constantemente aos serviços que tem prestado á instrucção publica: serviços eminentes, na realidade. E' conversador inesgotavel e instructivo, mas incommodo pela surdez. Não me lembra se foi elle ou se foi Mitre quem me contou que tondo de ir ao paço de S. Christovão, complimentar o Imperador, durante todo o trajecto foi presa de uma preocupação importuna: a do beija-mão, então em voga. « Não beijar a mão ao soberano, reflectia o narrador, é faltar á atiquista; porém beijar-lha repugna-me positivamente. » (Qual não foi a sua satisfação chegando ao Paiz, ao ver o Imperador, de mãos intencionalmente cruzadas nraz das costas, corteja-o com a cabeça, num tom familiar, chamando-o pelo nome e dirigindo-lhe a palavra em hespanhol! « E' muito amavel D. Pedro; concludio. Ao retirar-me, já lhe beijaria ao custo a mão, se elle m'a estendesse. »

Entre mim e Sarmiento deu-se um quiproquo interessante. Fui-lhe apresentado na mesma occasião que o Sr. Conde de S. Salvador de Mattosinhos e muito rapidamente. Trocámos apenas as phrases banaes de etiqueta, não prestando o ex-presidente muita attenção aos nossos respectivos nomes. Dias depois, tendo eu deixado um cartão em sua residencia, fez-me elle a honra de visitar-me no hotel, em que eu occupava um aposento proximo ao d'aquelle illustre titular. Havia outras pessoas presentes. Sarmiento dirigia-se a mim com a maior affabilidade, mas, ao cabo de algumas minutos, entrei a notar que me tractava de—*Senor Conde*. Surprehendido a principio, percebi claramente, com o seguimento da conversação, que elle me tomava pelo meu nobre companheiro. Reclamei por mais de uma vez, tentando dissipar a aliás para mim honrosa confusão.

O defeito de audição do meu interlocutor frustrava os meus esforços, feitos, demnis, em lingua castelhana, com cuja pronuncia nunca me pude familiarisar.

Resignei-me a aer—*Senor Conde*, até que Sarmiento se despedio dizendo: « Vou agora visitar o deputado brasileiro. »

O neto que o acompanhava, entretilio até então a conversar de outro lado, tocou-lhe no braço, e murmurou algumas palavras, articuladas syllaba por syllaba com demorada nitidez. O ex-presidente fitou-me surprehendido; porém, sem desconcertar-se, fez-me um amavel cumprimento e retirou-se com o seu ar de velho pedagogo, a que a residencia nos Estados Unidos sobrepoz alguma coisa de yankee.

AFFONSO CELSO JUNIOR.

MÃE

Sei que um dia não há — e isso é bastante.
A esta saudade ir atroz — em que, a teu lado,
Não estás, Mãe, como uma sombra errante
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

— Minha Mãe! minha Mãe! — a cada instante
Ouve. Torna, em lagrimas banhado.
O rosto, e cuidas, louca e solitante,
Que eu te chamo, a chorar, n'um tom magoado.

É sentes alta noite, no teu leito,
Minh'alma na tu'alma repousando,
Repousando meu peito no teu peito...

E encho teus sonhos, em teus sonhos britho...
E abraço os braços tremulos, sonhando,
Para nos braços apertar teu filho.

OLAVO BILAC.

JORNALS E REVISTAS

Notavelmente melhores que as do primeiro numero são as gravuras do n. 2 de *Brazil Illustrado*. Para isso deve tambem ter concorrido a melhoria do papel empregado, proprio para gravuras. Especialmente dignas de menção as que representam o Dr. Domingos Freire, tumulo de uma criança e marinha de Ruode. O texto é variado e interessante, honrando as pennas de Felix Ferreira e Dr. Pires de Almeida.

Sendo módico o preço da assignatura e magnifica, no seu genero, esta publicação, é de esperar tenha dentro em pouco a voga e o successo que merece.

O n. 1 do 5º volume do repertorio *Illustrado de artes e litteratura A Occidente de euro*, publicada por A. S. Dickinson, em New-york, traz muitas gravuras, finas, bem acabadas e escolhidas com muito gosto. São especialmente dignas de apreço *Um beijo*, quadro de Panorios, *Um eclipse do sol*, quadro de Brown e *Minha amada*, quadro de Seymour.

A *Illustração*, n. 23 e 24. Bellas escriptos e bellas estampas. Chronicas de Mariano Pina, artigos de Julio Cezar Machado e variadissima collaboração de pennas escolhidas. Estes dois numeros, entre outras cousas que os recommendam como sejam: *Os olhos de Joanninha*, phantasia em prosa de Almeida Garrett, e umas redondilhas classicas de Bernardim Ribeiro, que não de encantar o paladar do leitor empoadado e fino, de que fala Ega de Queiroz no prologo dos *Azulejos*, offerecem ainda aos olhos exigentes do publico uma bella gravura de um quadro de M. Rixens, — *A oração*. É primorosamente naturalista; um retrato do famoso jejuador Merlotto, que nos parece gordo de mais para tantos dias de fome, e um bello quadro — *Pariz Mundano*, de J. Stewart, em que um grande grupo de senhoras e cavalheiros tomam o chá das cinco da tarde, habito importado de Inglaterra e que hoje em Pariz constituiu uma das delicias da gente de bom gosto.

É uma bella gravura que só tem um defeito! fazer inveja. Sim, nós, pobres brasileiros descendentes de pobres portuguezes, preguiçosos, nem sequer temos a carinhosa esperança de em alguma época remota gosarmos d'essa existencia fina e deliciosa de que fala o *The five o'clock tea*; nós somos e seremos eternamente um grupo mal creado de miserios macacos, penteados á franceza, com nm *pince-nez* que não consegue agarrar-se ao nosso nariz de quadrumano, mas com os mimosos pés de tuppys perdidos em um galante par de tamancos saloios.

Que felizes somos nós os brasileiros! Somos uma especie de Menino-Deus, pittorescamente adulado por tres reis magos, o preto africano, o indigena amarello e o branco europeu. O preto representado na pessoa do principe Obá, o indio na athletica figura de Carlos Gomes e o branco na do emigrante ambicioso.

O n. 289 d'*O Occidente*. Traz em gravura

—o convento do Mafra, uma scena do Mondego, representando um barco de pescadores, o abaloamento de contragido Sultan com o vapor *Ville de Victoria*, e um croquis do incendio da rua da Bitesga.

Revista do Club de Engenharia. n. 1, anno 1º. Estão á frente da redacção d'esta revista quo, por todos os motivos, deve ser de grande alcance economico, os Srs. engenheiros Pedro Betim Paes Leme, André Gustavo Paulo de Frontin e Manoel Maria de Carvalho.

Desejamos-lhe todas as prosperidades.

S.

A CREDORA

I

Uma vez a mulher do embaixador de Thuringe, acompanhada por um grupo de camaristas e criados carregados de ligeira bagagem, apejava-se do wagon na estação do Havre. Começava o outono e ella vinha do mar, onde tinha por habito passar o verão, em uma especie de palacio de madeira, que seu marido para esse fim mandára construir sobre o pinheiro de um rochedo escarpado.

Mulher alguma é mais bonita do que era a condessa Guilhermina de Freiesberg: alta, esbelta, pallida, fronte de uma tranquillidade olympica que parecia esperar que, sobre o outo de seus cabelos, viesse pousar uma coroa de perolas ou talvez de estrellas. Aspecto tão senhoril e tão calmo, quenenhuma rainha teria um porte mais activo e mais soberano do que o d'ella. No gesto dos seus braços sentia-se a falta de um sceptro; no seu modo de andar, ainda que por uma rua atarracada de carros, havia um que de imperatriz atravessando a cathedra no dia da sua coroação.

Além d'isso certa legenda, que nesse tempo corria a seu respeito, dava-lhe ainda maior prestigio á altivez e á belleza. Dizia-se que o conde de Freiesberg, muito velho e muito absorvido pelo serviço diplomatico, havia, sem grande decepção para elle, dado com o nariz na porta do quarto nupcial da esposa, logo desde a primeira noite do casamento, e que, depois d'isso, nenhum amor constava que houvesse perturbado o coração ou a cabeça da virginal esposa.

Dahi uma adoração mystica em torno dos encantos da condessa. Estava resolvido que Deus a fizera tão bella para coisa nenhuma. Mesmo aquelles que a viam pela primeira vez, sem a conhecer, sentiam-se tomados de um certo respeito religioso; tão principio era o seu todo e tão friamente formosos os seus olhos, azues e inalte-raveis. De sorte que, ali, na estação do Havre onde formigava uma tumultuosa multidão de passageiros, chegados de Asnières e em partida para Saint-Cloud, em torno d'ella se abria um vacuo no barulho e na confusão, como que todos se immobilisavam com a sua passagem; em quanto que ella ia seguindo solememente, a passos medidos, levando atrás de si a criadagem, que a acompanhava como um cortejo cerimonial.

Depois de ter atravessado já a sala dos *Pas-Perdus*, na occasião em que descia a escada, ao pé da qual estavam as suas bagagens, um rapaz, muito moço ainda, e que a condessa nunca tivera visto, um transeunte qualquer, aproximou-se d'ella, sem tirar o chapéu, e disse-lhe, dando-se ares de importancia:

— O' Lolotte, és tu? Como vaes isso, filha?

II

Ella ergueu os olhos, e a sua cholera fouscou de tal sorte, que o rapaz, e ficou assombrado como se nm raio o fulminara.

Cambaleou; vergaram-se-lhe as pernas; dir-se-ia que o asno ia ajoelhar-se. Entretanto ella havia estacado e media-o de alto a baixo, immovel, enquanto a criadagem atrás, de braços cruzados, esperava estatica.

Então, o infeliz, disse em voz baixa,

muito depressa, esterrando o queixo no peito:

— Oh! sei que não mereço perdão! Ainda se eu estivesse bebado, vá, teria desculpa; mas não, eu estou no meu juizo perfeito. Sou indigno de perdão; no entanto peço-lhe que me ouça: Eu a vi de longe, não reparei que era um astro que passava por defronte dos meus olhos. Ah! mas se eu disser porque fiz tamanha grosseria; se V. Ex. mo quizer ouvir durante um minuto! Um só! talvez me dê razão!

Ella, sempro immovel e com a vista ferrada sobre elle respondeu soccamente:

— Vá. Fale.

Elle curvou-se ainda mais e acrescentou:

— Minha senhora, eu e mais alguns companheiros, chegavamos de um restaurante fora da cidade, onde fomos almoçar, quando V. Ex. saltava do wagon. Um do nós, exclamou assim que a vio: «Caspite! Eis ali uma bella mulher!» Ora, V. Ex. talvez não saiba, miha senhora, que nestes carros que vêm dos arredores de Pariz, encontram-se ás vezes raparigas bonitas, ou mesmo feias, que não se dão por offendidas quando a gente as offende. Eu, que mal tinha posto os olhos em V. Ex., disse ao meu amigo, nem sei porque estupidamente: «Ah! aquella? É tu co, nhego-a. É' Lolotte?» E' que eu contava que V. Ex. fosse com elleito alguma Lolotte, ou Lietette, ou coisa que o valha. Mas, imagine, miha senhora, que os meus companheiros puzeram-se todos a rir á minha custa. Eu encavaquei: «Não sejas tolo!» disse-me um «aquillo é uma senhora de boa sociedade; repara bem para o seu todo; ha de vir naturalmente de Dieppe, ou talvez de Trouville.» Eu não quiz dar o braço a torcer; valha-me Deus—só a via de longe! É' Lolotte! Juro-lhes que é Lolotte, com todos os diabos!» — E' Não é! «É tu a conheces, hein, ora quem sabe!» — Conheço! «Pois eu aposto o que quizeres como não és capaz de ir lá falar-lhe!» — «E eu aposto que vou!» — «Está dicto!» E a aposta ficou de pé. E' preciso observar-lhe, miha senhora, que eu sou um pobre rapaz, sem a menor celebridade, mas que faz versos; versos que ninguem lê por ora, mas que serão lidos talvez se forem publicados. «Pois bem, disse o meu amigo, que aliás é um moço muito rico e que dá o cavauinho por vir de vez em quando fazer dous dedos de prosa na bohemia litteraria,—pois bem! Se fores falar áquella senhora e se ella te responder, pago a impressão do teu primeiro volume de versos!»

Oh! nesse momento nma vertigem se apoderou de mim—deixar de ser desconhecido! pensei eu—Ser nm desses, cujos volumes o transeunte ao passar vê nas vitrines dos livreiros; volumes de capa encarnada, azul, amarella! Oh! ver os meus versos publicados! Não resisti! Atirei-me ao encontro de V. Ex. e disse-lhe: «E's tu, Lolotte? Como vaes, filha?» Mas agora, passado o momento de loucura, e que avalio quanto fui infame e ridiculo! De V. Ex., a quem eu não tenho animo se quer de encarar, como o sacrilego defronte de um crucifixo, exalal-se taes e tão doces effluvios de grandeza e de innocencia; V. Ex. é tão delicadamente liada e tão mysteriosamente pura; V. Ex. é ao mesmo tempo tão esplendida e tão singella, que eu, conbunhado pelo mais profundo, o mais amargo e o mais mais religioso dos remorsos. Ah! nem por sombras espero que V. Ex. perdoe a hediondez do meu procedimento, e, o que fazainda com que eu não me lance immediatamente aos seus pés, não é só o reocio de aggravar o meu delicto com um novo escandalo, mas tambem a convicção que eu tenho da eneficacia daminha humildade; e ainda que V. Ex. seja a mais misericordiosa das deusas! Ah! o meu crime foi enorme!

Ella não havia deixado um só instante de fital-o, mas nos seus olhos já não scintillava a collera de ainda ha pouco.

Elle devia ter uns vinte e cinco annos quando muito, feições amaveis, docemente banhadas por um ar de intelligente bondade. E o arrependimento, que se entornava de sua phisionomia, mal se animava a supplicar perdão.

A condessa sorrio. A criadagem continuava silenciosa e grave, sem pestanejar.

— Então com quo, disse aquella afinal, o senhor, so visse o seu livro impresso, toria um grande contentamento.

— Ah! suspirou o rapaz.

— E o tal seu amigo rico pagará a aposta, se a perder?

— Isso com certeza.

— Onde estão seus companheiros?

— Todos lá em baixo, ao pé da escada. Estão nos espiando, os maldictos!

Ella ficou um instante a reflectir.

— Dê-me o seu braço, disse depois.

Elle não so moveu logo; suppunha ter ouvido mal; a condessa, porem, descansou a mãozinha sobre a nianga do paletot do moço.

— Seu braço!

E desceram junctos a escada da estação, no fim da qual um grupo de rapazes acercou-se delles com pasmo.

A condessa entrou na sua carroçgem e, quando a bella parella de cavallos inglezes estralejou na calçada a primeira patada, ella poz a cabeça fora da portinhola e exclamou para o poeta:

— Ate logo. E tu, heim, não te esqueças da tua Lolotte!

III

Com este tratamento de tu a coisa ficou mais do que decidida. Estava ganha a aposta.

Appareceu o volume, e, como o auctor tinha talento, os versos foram lidos e produziram uma certa commoção ao publico; e em breve outros livros lhe succederam, não tão bons como o primeiro, mas o poeta foi ganhando nome, foi-se popularizando, e afinal escreveu romances e fez representar peçss no theatro; de sorte que, cinco annos depois da aventura na estação do Havre, nada mais faltava para a sua completa gloria.

Elle já não atravessava uma multidão, fosse na rua ou fosse na sala, sem ouvir vozes que cochichavam: «Olha Fulano!» E seu nome ia por fim perturbar o somno, a contra-gosto esolitario, das donzellas da provincia.

IV

A condessa Guilhermina de Freiesberg aborrecia-se, como deve aborrecer-se a neve no cimo do Yungfrau. Que diabo! Ser pallida, ser altiva e inalte-ravelmente pura, é uma delicia sem abalo que afinal de contas deve enfastiar; a prova é que Galathea cançou-se de ser de pedra e desceu afinal do seu pedestal. Ora pois a condessa, quando orçou pelos vinte e sete annos, mais bella do que nunca, e ligeiramente reforçada de carnes, principiou a sentir desejos de, como gelo—derreter-se e como marmore—animar-se.

Para realizar tão natural desejo ella não podia de certo contar com o marido; o pobre homem estava cada vez mais velho e cada vez mais diplomata; e os addidos á embuxada, coisa singular! não lhe pareciam absolutamente no caso de a pôr fora do serio. E no entanto ella queria, ella precisava que a puzessem fora do serio. Taata veneração, tanta admiração, toda a quella corte de obediencia e respeito que a cercava; agora, longe de a fazer alegre, punha-lhe no orgulho estranhos appetites de ser destrhonada. A' força porem de ser por tanto tempo tão altiva e tão imponente, a condessa já não podia mais deixar de ser para todos um incorruptivel exemplo de virtude. E o desejo de ser um pouco menos respeitavel a crescer-lhe por dentro, e a melancolia a apoderar-se d'ella toda, com tal violencia, que se de suppor que a pobre senhora tivesse morrido de tadio, se não fosse a consoladora leitura de um poeta favorito, que ella lia todas as noites antes de adormecer. D'esses livros desprendia-se um suave perfume que a entontecia e encantava. Não conhecia o auctor; nunca o tivera visto; nunca lh'o apresentaram; aem ella teria a coragem de pedir a algum que o fizesse, receitando commover-se em demasia na occasião em que se visse defronte d'ella.

Uma noite, porem, na Opera, já não sei em que primeira representação, algum ao lado do camarote interrompeu a conversa, para mostrar o celebre e querido poeta que lá estava assentado no seu *fautuil d'orchestre*.

A condessa fez-se cor de rosa — era o sol que raiava, ameaçando derreter a neve. Ella havia reconhecido o imprudente moço da estação do Havre.

Nessa mesma noite, mal a condessa entrou no quarto, em espartilho e braço nu, escreveu-lhe o seguinte:

« Amanhã, áa trea horaa. Venha »

V

E' inutil dizer que elle não se fez esperar, e mais inutil descrever a alegria do seu ospanto, quando reconheceu na ombaxatriz do Thuringe a formosa Lolotte.

— Ah! Pois V. Ex. é?... Calaram-se, e ambos ahaixaram os olhos, sem animo de fixal-os uoi no outro.

A condessa, com a cabeça inclinada como ao pso dos seus cabellos de ouro polido, na feliz independencia d'aquella alcova em que ninguem entraria, contava uma por uma as flores do tapete. E ella, elle tambem contava as flores do tapete, e via, por debaixo da saia da condessa, apparecer a pontinha cor de rosa de uma chinella turca.

— Ella, omfim, murmurou, sem levantar os olhos e tingindo-se do rubor:

— Ah, como o senhor é ingrato!...

— Eu?

— Sim; não é verdade que a mim deve a publicação do seu primeiro livro?

— E, minha senhora, e creia que o meu reconhecimento...

— Muito mal entendido, o seu reconhecimento! O senhor hoje é celebre, porque um dia, lamhra-se? ou o tratei por tu; pois bem...

— Eu?

— Tu es bella! disse, Eu te amo!

— Ah! que emfim! Suspirou ella, envolvendo-lhe o pescoço com a renda das suas mangas em que transpareciam tons rosos de pelle macia e fresca.

CATULLE MENDES.

(Trad. de Aliz—Aliz.)

NO ALTO DA SERRA

AO SR. DR. SILVEIRA LOPES

Vimos galgaado e longa serra oia, Ao tardo passo das cavalgadas. Embebe, á esquerda, a christa nas alturas A formidanda rocha escarpada e sombria.

De bromélias e orchideas se atavia O escalvado penhasco. Nas planuras O vale enorme equadra-se entre escuras Cordilheiras que enrade a floresta bravie.

Somos egóre em meio da viagem, No sito da serra. O sol enche de cores De variado matiz e esplendida peizagem.

Cantam passaros; lidam lavradores Pela encosta; e do meu amor a imagem Só eu vejo, a sorrir-me entre as moitas de flores.

Petropolis, 11 de Janeiro, de 87.

FILINTO D'ALMEIDA.

THEATROS

PRINCIPE IMPERIAL

Não nos enganavamos, quando vaticinamos ao Zé Caipora, revista do anno de 1886 pelo nosso collega do *Diario de Noticias*, Oscar Pederneiras, franco successo e brilhante carreira. A noite de 29 do corrente foi de festa neste theatre.

Havia muitissimo tempo que elle não se henzia com uma concorrencia tamanha e tão luzida. Tractava-se de uma estréia; além d'isso corriam a seu respito hoatos multilisonjeiros, propalados por quem havia visto ensaios da nova revista: Era pnis natural que o abandonado e desmoralisado *Principe* se enchesse de hõa gente naquella noite.

Logo desde o principio do prologo começaram ns espectadores a ser agradavelmente impressionados. Aquella ideia do reino do Patronato e da Carta de Recomendação, cujos subditos são os Empenhos, de todos os tamanhos e as cartas, e artinhãs e cartões recommendatorios era feliz; todos reconheceram logo aquelle reino, sorriram e disse-

ram; — « Com graça ». O primeiro acto agradou mais do que o prologo o o segundo acto ajuda mais que o primeiro. E tanto que foi o auctor ruidosa e repetidamente chamado á scena e saudado com palmas e flores.

O terceiro e ultimo acto é de todos o mais fraco: é muito curtinho, quasi desprovido de factos e menos engraçado que os anteriores.

A principal qualidade d'esta revista, qualidade que decidio de sua sorte, e ser leve, espontanea, despretenciosa. O espectador não tem tempo de se aborrecer, nem vontade, porque as pilherias e os dictos de espirito abundam e vão-se succedendo naturalmente como os inoffensivos estalos de uma carta de fogo da china.

Oscar Pederneiras conseguiu ter graça sem ser offensivo nem grosseiro: graça natural, passagera, levemente satyrica. Os factos mais escabrosos, limitou-se a lembrar-os á memoria do Publico sem commental-os, espetando-lhes apenas, para não passarem desporcebidos, a farpa emplumada de uma pilheria.

Soube, além d'isso, aproveitar os acontecimentos e typos mais vivos e habituaes na sympathia e na memoria do Publico.

Esses elementos de triumpho foram coadjuvados pela bou escollia da musica entre os trechos mais estimados e populares e pela felicidade de alguns numeros originaes. D'entre estes devemos lembrar o *Arredondo, sinhã*, as copias do 29, e as de S. Christovão, aranjadas sobre motivos populares com muita felicidade pelo Sr. J. Alves Pinto, e o *jongo dos pretinhos do Bibi*, original do nosso companheiro Henrique de Magalhães. Como poderiam ser taxados de suspeição os nossos elogios, damos a palavra aos collegas que a seu respeito se pronunciarão pela seguinte maneira. A *Gazeta de Noticias*:

« A peça é ornada de musica tirada geralmente das mais conhecidas operetas, o que é de uma grande vantagem, desde que é bem adaptada.

Destacaremos, entretanto, o tango, ou que melhor nome teahã—O *Arredondo sinhã* e o *jongo*, original de Henrique de Magalhães, um primor no seu genero, quer pelas suas qualidades caracteristicas quer como peça musical. »

Eloy o heróe (no *Diario de Noticias*):

« A musica, em parte original e em parte colhida aqui e ali, ngradou muito. O tango do *Arredondo* produziu bastante effeito; é pena que o programma não classe o auctor.

Mas o *clou* musical da representação foi, sem duvida, um bellissimo *jongo* de Henrique de Magalhães, ao qual me parece destinada a mesma voga obtida pelo da *Mulher Homem*, do mesmo auctor,—comquanto o *jongo* da *Mulher Homem* seja um trecho do musica realmente incomparável. »

E o severo *Jornal do Commercio*:

« A musica é, em geral, viva e alegre e, entre composições de lavra estrangeira, tiverão lugar distincto algumas trechos nacionaes de muito mimo, entre os quaes deve citar-se o *jongo* do ultimo acto, composição felicissima do amador Henrique de Magalhães. »

Apenas o perspicuo e imparcial *Paiz* não se dignou de cital-o ao menos, apesar de elle haver sido ruidosamente applaudido e bisado. Coisas...

Foi pena que o Machado não tivesse dado á peça mais alguns ensaios. Teve pressa, porém; e preferio que ella fosse á scenu mais cedo, embora a trouxe-mouxe, do que alguns dias depois, bem abida e cuidadosamente encenada.

No desempenho distinguiram-se: Machado no *Zé Caipora*, que fez com muita graça; Flavio nos papeis de rei Patronato, de homem do *pá, pá, pá, pá-pe láo*, Braga Junior e S. Christovão; Coutinho nos de inglez da Natividade e de *Arredondo*, que fez com muito arregaño; Nunes, nos de Empenho e *Diario de Noticias*; a menina Pestana que fez graciosamente o papel de *Revista Illustrada*, embora não o souhesse bem; Pinto, que nos deu um magnifico 29, e um parecidissimo Serzedello (*reporter da Gazeta*); Mlle. Jeanne Kailus quando cantou a cançoueta das *Folhas brisilandes* pois que, falando, não se lhe percebe patayina. Os demais artistas em papeis insignificantes concorreram para o exito da peça. Os côros eram numerosos e añaçados.

Boa instrumentação, orchestra obediente á habil batuta do sympathico Chiquinho Carvalho.

A *mise-en-scene* que foi: polhresinha e descuida la. Pois se ás seis horas da tarde de sabbado ainda o Frederico de Barros piutava trainos e as costureiras ahiuvavam fatos!

Para acabar: com este *Zé Caipora* tirou o *Principe* o pe lo caiporismo para uadar em mar de rosas e de... paper moeda, o que é ainda um pouco melhor.

Terça-feira, 8. realizar-se-á a recita do auctor do *Zé Caipora*, a excellente revista que desencapou o caipora Machado (moderada de cobra cura-se com o veneno da mesma cobra), teudo a revista novos e especiaes attractivos. Sabemos que amigos e admiradores do Dr. Oscar Pederneiras, por iniciativa dos seus collegas do *Diario de Noticias*, vão offerecer-lhe um delicado presente naquella noite.

Ao desencapador do *Principe* desejamos uma noite triumphal.

RECREIO

Representou sabbado passado a comedia em tres actos—*A familia phantastica*, original de Paulo Burani e M. Ordonneau, traduzida por Figueiredo Coimbra.

E' uma comedia de qui—pró—quós, do genero da *Tres mulheres para um marido*, vivissima, espirituosa, cheia de bons dictos, toda de situações engraçadissimas, inesperadas, postoque por vezes absurdas. E' uma formidavel bomba de pilherias de todo genero: finas e grossas, que rebenta ao ouvido do espectador, que lhe prende a attenção, que o diverte, que o faz rir até ás lagrymas.

A tradução é muito feliz, muito correctã, e nota-se-lhe uma certa vernaculidade, á qual, infelizmente, oão nos têm habituado os nossos traductores de theatre.

O desempenho que lhe dão os artistas do *Recreio* é satisfactorio. Maia tem o primeiro papel. Fal-o com graça, mas não lhe dá a candida simplicza, a singular ingenuidade d'aquelle tio provinciano e papalvo. Ha no seu modo de dizer uma certa finura, que, embora lhe dê bons effeitos comicos, toraa ainda mais absurda a farga das situações. A sua credulidade não é natural nem espontanea.

Castro leva ao exaggero a sua principal qualidade de actor—a vivacidade. Move desesperadamente os braços, as pernas, o corpo todo, gesticula com uma singular violencia. O seu papel foi bem comprehendido, fal-o com muita graça, mas um pouco mais de comedimento não o prejudicaria em nada e faria realçar o seu trabalho.

Rangel foi um optimo Ramon. O seu personagem é muito carregado—o que não admira, visto ser carregador—e elle carrega-o a valer. Em algumas situações foi de grande felicidade o seu ar de parvo e de estupido. Foi um papel bem estudado e bem comprehendido.

Marques faz bem o seu Leonardo, muito *bécarre*, muito excentrico e muito pulha.

Balbina tem o primeiro papel de dama. Representa-o bem, com bastante graça e viveza; a chuva do segundo acto é muito bem feita.

Helena pouco tem que fazer na sua *Mistigrette*; todavia, interpretou bem o personagem e representou-o sempre com a sua costumada habilidade e talento.

Não são mal feitos por Deolinda e Elvira os papeis de Pepita e de Joanna.

O publico applauido ruidosamente a excellente comedia e chamou á scena com entusiasmo o joven traductor, rapaz cheio de talento e aptidoes para escriptor de theatre, a quem mais uma vez sinceramente felicitamos.

Ensaia-se neste theatre o famoso drama de Giacometti—*Maria Antonietta*. Estrealar-se-á nesta peça o distincto actor Montedonio, que representará Luiz XVI. O papel não está naa suas cordas, mas o seu talento salvá-o-á de fiasco.

A protagonista cabe a Ismenia e Laffayette a Dias Braga.

SANT'ANNA

Continúa a representar *O carioca*, agumentado com o novo actin—*A princesa Flór de Vico*.

Ensaia a nova opereta de Garrido A *toutinegra do templo*.

PHENIX

Dá as ultimas do famoso—*O espectro* e prepara o grands drama—*O conde de S. Germano*.

P. TALMA

FESTAS BAILES E CONCERTOS

CLUB HENE

Sabbado passado realison esta sympathica sociedade uma splendidã festa, que teve começo por um concerto em que foi executado o seguinte programma:

Delirio del cuore—Romanza do G. Pappini, para canto, violino e piano, pelo Exa. Sra. D. Elisa de Andrade Filha e o Sr. Joaquim R. Boisson, acompanhada pelo Exa. Sra. D. Maria Elisa de Andrade.

Le soir,—de Godard—melodia para haixo, pelo Sr. Luiz Rossi, acompanhado pela Exa. Sra. D. Aurora de Lellis.

Púera mamma—romanza de Tosti, para soprano, pelo Exa. Sra. D. Elisa de Andrade Filha, acompanhada pela Exa. Sra. D. Maria Elisa de Andrade.

Mazurka—de Godard, (para piano) pelo Exa. Sra. D. Julieta Teixeira de Souza.

Berceuse—para violino, pelo Sr. R. Boisson.

Giuramento,—de Mercadante, grande scena para barytono, pelo Sr. Alberto de Agostini, com coros de amadoras e amadores.

O primeiro e ultimo numero do programma tiveram uma execução primorosa o foram calorosamente applaudidos.

A noite esteve má e por isso não houve a costumada concorrencia de senhoras; entretanto, a festa esteve animadissima. Começando as danças ás 11 horas, depois do chá, só terminaram pela madrugada, com um bello *cotillon*, dirigido pelo Sr. Arminio de Andrade.

As distinctas senhoras da directoria estiveram amaveis e gentis até ao desespero.

LORGNON.

O ESCONDERIJO DA ALMA

Minh'alma inteira tens no teu seio escondida, Dês que, do seio teu, no perfumoso espaço, Guardas, como diseste, os sonetos que faço; Depois de haer-lhes dado a tua bocca incendida

A unção dos beijos teus, — esse elixir da Vida, — Não creó? Pois a explicar-te o phenomeno passo: Quando estrophes cinzelo, ouveo? use um pedaço D'alma dentro de cada uma estrophe, querida,

Meus versos têm meu sangue, os meus sonhos, meus sellos; E' por isso, talvez, amor, que tu, somente, Sabes—como és bondosa!—os apreciar e lê-los,

D'elles cada uma phrase é um beijo, feiticeira... Pousa-os no labio, e, após, guarda-os no seio ardente, Que guardarás no seio, assim, minh'alma inteira,

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

TRATOS Á BOLA

Metteram o dente nos *tratos* ultimos os seguintes tratistas: A. H. M., Fricinal Vassico, Mané-Quim, Joãozinho, Zi-Zi, Pedro Rabello, Pépe, Tenente Escorquella, Josephina B., Valerius Madilena, F. Dias, Elmano Arievio, D. Jason e D. Guzman Morales y Tolpairo.

Foram os mens carissimos irmãos A. H. M. e Fricinal Vassico os dnus primeiros decifradores exactos, que podem

vir á minha humillissima cella receber os prometidos premios.

Eis as decifrações: *Almofada, Violino, Corpinho e Mocho.*

E para hojo, meus bons e amabilissimos irmãos, dou-vos estas difficuldades quo com multissimos tratos á bola serão vencidas.

Eil-as:

LOGOGRIFFO
(Por letras)

E' seu canto tão plangente.—8, 3, 1, 5, 8, 9.
Tão delicado e suave.—8, 2, 3, 7, 2.
Qual se pertencesse a um'ave.—7, 4, 7, 1, 6.
Qual de um rio o deslizar.—8, 6, 3, 3, 9, 7, 8, 9.
Tem a belleza de uns versos.—5, 6, 7, 9, 8, 2.
Que me lembravam chimeras.—5, 3, 7, 1, 2, 5.
E' tão alegre como éras.—3, 4, 5, 6, 7, 1, 2.
Quando te ouvia cantar.—8, 9, 7, 6, 3.

Fica n'isto o logogripho,
Que, mal cuidado e mal feito,
Nem de bom tem o conceito
Quanto mais o todo em si...
Nello estrelas bas de ver.
Nuvens e astros verás...
Porém nunca poderás
Tel-o bem perto de ti!

PEDRO RABELLO.

EM QUADRO

Do pedra e cal,
No coração;
Dõe e faz mal.
No tempo estão!

ANTIGAS

E' usado na grande fidalguia
Quetem nos hespanhoessa ascendencia.
Eis ahí bom leitor sem ironia
Da palavra que dou sua existencia — 1.

Se guardas com cuidado e devagar
Um mino de mui grande estimação,
Vás mostrando, de pressa, sem cansar,
Em qualquer gesto teu tua afeição—2

Conceito queres? Por ora
Digo-te aqui venturoso:
Chame-se Letia ou Theodora
Sempre é do sexo formoso»

JOSEPHINA B.

2—1—Rasa a nota esta medida.
1—2—E' grande por ser de barro
no defunto.
1—2—No navio é verbo este verbo.

Agora, meus estimados irmãos, prometto ao primeiro decifrador d'estes tratos um bellissimo premio e deitando-vos a minha religiosa benção recolho-me á minha cella onde estou a resar por vós e ás vossas ordens.

FREI ANTONIO.

A ultima hora chegou o Sr. Chico, *brim-pinta* com as suas decifrações. Oh! meu irmão Chico, meu caro *brim* meu caro *pinta*, pois agora é que V. vem? e quer o premio, não é? Tenha paciencia. V. acertou mas... Ignês é morta. Para outra vez não tome o bond do Sacco do Alferes.

F. A.

FACTOS E NOTICIAS

D. AUGUSTA DE SÁ CARVALHO

A senhora cujo nome encima esta noticia foi uma aproveitada alumna da Escola Normal de Nietheroy, que a diplomou professora publica, depois de um curso brilhante. Havendo desposado a Sr. Aldano L. Cesar de Oliveira, escrivão da collectoria do Rio Bonito, teve este cavalheiro a infelicidade de perdela pouco tempo depois do casamento. Para honrar a sua memoria de mansira digna dos seus merecimentos, instintio o Sr. Aldano um premio denominado «Premio D. Augusta de Sá Carvalho», constante de uma moeda de ouro do valor de 20\$000, para ser entregue á alumna d'aquella escola do curso de 1886 que mais se honvesse distinguido nos exames; premio que conbe á

Exma. Sra. D. Ignês de Castro Barbosa, que, a juizo da commissão examinadora, foi a que mais se distinguio nos ultimos exames, tendo sido habilitada a exercer o magisterio publico. O Sr. Aldano do Oliveira tenciona offercer annualmente o dicto premio, enquanto o permittirem as suas condições de fortuna.

E' uma acção piedosa e util, que muito o honra.

Partio hontem para S. Paulo o eximio pianista e compositor Carlos de Mesquita.

Vae áquella capital dar um concerto, que será certamente um novo triumpho para o nosso joven compatriota.

Acha-se completamente restabelecido da grave molestia de que foi acometido, o distincto latinista e illustre litterato Dr. Castro Lopes.

Appareceu em Lisboa o esperado livro de José de Souza Monteiro — *Os amores de Julia* (scenas da antiga Roma) E' uma obra de excepcional valor litterario e historico, tirada apenas em uma edição de tresentos exemplares. Vae entrar em concurso com *A Reliquia* de Eça de Queiroz para a obtenção do premio annual da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

E a proposito, Sra. *Gazeta de Noticias*, que é da prometida *Reliquia*?

FALLECIMENTO

Victima de uma lesão cardiaca, falleceu no dia 2 o honrado e bravo capitão Ataliba Manuel Fernandes.

A' sua Exma. familia e ao seu sobrinho o nosso companheiro Alfredo de Souza damos os nossos sinceros peza-mes.

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação da *Semana*, e que se acham quitos para com esta empreza, continuamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o n. 93, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo igualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha, virem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro do anno passado.

CORTE

(Continuação)

Conselheiro Sancho de Barros Pimentel
Exma. Viuva Buarque de Macedo.
Dr. Francisco Ramos Paz.
Dr. Feliciano de Lima Duarte.
Luiz Carlos Nazareth.
Major Marianno Antonio Amorim Carrão.
Padre Manoel Antonio Ferreira,
Henrique Joaquim d'Avila.
Manoel José da Cunha Osorio Junior.
Munoel Antonio Osorio.
Joaquim Rodrigues da Silva.
Capitão Austriclinio Villarim.
Alfredo Cesar da Silveira.
Benigno Salgado.
Honorio Pinto.
Adriano A. Gallo.
Fidelis Velloso Lessa.
Joaquim Rodrigues Ferreira Valle.
Ulysses Cabral.
Fortunato Ferrão.
D. Senhorinha de Mello.
Domingos Rodrigues do Nascimento.
Dr. Charles de Bailly.
Dr. Silva Araujo.
Eduardo Nobrega.

CORREIO DA GERENCIA

Sr. Antonio de Souza Menezes—S. José de Leonissa. A collecção, encardernada, do anno de 85, custa 15\$000. Remessa por nossa conta.

Sr. F. M. Torros Braga—Tanguá—E' V. S. um dos cavalheiros a quem mais reconhecimento devo a empreza d'esta folha. Manifestando-l'ho aqui, só cumprimos um gratissimo dever.

RECEBEMOS

Historia de Gil Braz de Santilhana, fasciculos ns. 56 e 57. Impressão nitida, gravuras boas.
— *Revista Phiotecnica*, n. 6. Trata da dinamica applicada, Estradas de ferro, da chimica organica, Industria e outras coisas scientificas e praticas, quo são de grande utilidade para os nossos tempos.

— *Os incisivos de Lisboa*, fasciculos 11 e 12; grande fanca de Gervasio Lobato & Jayme Victor.

— *La Union Ibero-Americana*. Um folheto, especie de relatorio.

Vamos ler.
— *As injeções hypodermicas nas crianças*, tratado de grande utilidade clinica, escripto pelo Sr. Dr. Aquino Fonseca.

Este generoso livro vem preencher uma lacuna deveras sentida em nossa vida medica. O hypodermismo nas crianças tem sido até hoje entre nós um tanto descuidado, quando é aliás um ponto que por todas as razões merece ser estudado attentamente.

O livro do Dr. Aquino é escripto em linguagem simples e laconica, como convem ás obras do genero a que esta pertence.

Da importante casa *As Petit Journal*, dos Srs. Henri Nicoud & C. os esplendidos jornais de modas *Printemps* e *Salon de la mode*.

ANNUNCIOS

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

AMERICANA

Esta excellente bebida, composta de substancias inteiramente inoffensivas á saude, como o demonstrou a analyse feita no Laboratorio de Hygiene pelo distincto medico Dr. Borges da Costa, acha-se á disposição do publico no estabelecimento de

FARIA BRAGA & C.

14 Rua da Guarda Velha 14

RASOIR MECANIQUE

NAVALHA MECANICA
Onze medalhas de ouro em exposições na Europa e Estados Unidos

FACIL DE MANEJAR E IMPOSSIVEL DE FERIR
INDISPENSAVEL A TODOS

LAMINAS EXTRAORDINARIAS PARA O RASOIR

Umbelino Dias—unico importador na America do Sul

60 Rua da Uruguayana 60

Distribuição gratuita do almanack Bain.

MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS

Objectos de colchoaria, ospelhos, aparelhos de porcellana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos de fantasia para adorno do casas etc.

Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visitala.
172 RUA DO HOSPICIO 172

David José de Oliveira

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addição de outra qualidade de aguardente. Pede-se toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offercidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl Valais & C., 34 rua da Alfandega.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

LOTERIA DO GRAM-PARA'

200:000\$000

8ª PARTE DA 1ª LOTERIA

EXTRACÇÃO — Quinta-feira 10 de Fevereiro — EXTRACÇÃO

AO MEIO DIA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com antecedencia e sem commissão

23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE
FIGADO DE BACALHÃO
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela Junta de hy-
giene e autorizada pelo
governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, es-
crofulas, rachitis, anemia,
debilidade em geral,
defluxos, tosse chronica e af-
fecções do peito e da
garganta

E' muito superior ao olio simples de
figado de bacalhão, porque, além de ter
cheiro e sabor agradaveis, possui to-
das as virtudes medicinaes e nutritivas
do olio, além das propriedades tonicas
e reconstituintes dos hydroposphi-
tos. A' venda nas drogarias e boticas

GRANDE LOTERIA

DA

PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR **2,000:000\$000** PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR A 12 DE FEVEREIRO PROXIMO FUTURO, IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até heje tem apparecido ; com a diminuta quantia de 1\$000 pôde-se obter 100:011\$000

EXTRACÇÃO		EXTRACÇÃO	
12 DE FEVEREIRO		12 DE FEVEREIRO	
PROXIMO FUTURO		PROXIMO FUTURO	
Não ha transerencia		Não ha transferencia	
PREMIO MAIOR		PREMIO MAIOR	
2,000:000\$000		2,000:000\$000	
PLANO	1 Premio de.....	2.000:000\$000	UNO
	1 dito de.....	1.000:000\$000	
	1 dito de.....	500:000\$000	
	1 dito de.....	200:000\$000	
	1 dito de.....	100:000\$000	
	2 ditos de.....	100:000\$000	
	10 ditos de.....	20:000\$000	
	30 ditos de.....	10:000\$000	
	99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a.....	5:000\$000	
	99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a.....	2:000\$000	
	99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a.....	1:000\$000	
	99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a.....	500\$000	
	99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a.....	300\$000	
	5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algarismos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivé, a.....	200\$000	
	50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for egual ao da sorte grande, inclusivé, a.....	20\$000	
2 aproximações para o 1º premio a.....	50:000\$000	1.000:000\$000	
2 ditos para o 2º premio a.....	30:000\$000	100:000\$000	
2 ditos para o 3º premio a.....	20:000\$000	60:000\$000	
2 ditos para o 4º premio a.....	10:000\$000	40:000\$000	
2 ditos para o 5º premio a.....	4:400\$000	20:000\$000	
55.552 premios no valor de.....	7.500:000\$000	8:800\$000	
Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despesas.....	2.500:000\$000		
500.000 bilhetes a 20\$000.....	10.000:000\$000		

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico--Pardal--Caixa do Correio n. 301--Rio de Janeiro

MOINHO FLUMINENSE

SOCIEDADE EM COMMANDITA

GIANELLI & COMPANHIA

CAPITAL..... 2,000:000\$000

Dividido em 4.009 acções de 500\$000 cada uma, das quaes os incorporadores se subscrevem por 400 acções

SÉDE NESTA CORTE

BANQUEIRO: THE LONDON & BRAZILIAN BANK, LIMITED

FIM DA SOCIEDADE

O fim desta sociedade é a exploração da moagem do trigo e de outros cereaes em grande escala e fomentar por todos os meios a seu alcance o desenvolvimento da cultura dos cereaes ao Brazil.

CHAMADA DE CAPITAL — Gianelli & C. preteadem chamar sómente 50 % do capital que julgam sufficiente para a realização do objecto social, sendo as entradas feitas do modo seguinte: a 1ª de 10 % no acto da assignatura do contracto social; a 2ª de 15 % trinta dias depois desta data e a 3ª 25 % até o dia 15 de Junho do corrente anno.

PRASO SOCIAL — As suas operações deverão ter principio no dia 1º de Julho do correute anno e durarão emquanto convier.

FABRICA — O estabelecimento do Moinho Fluminense deverá ficar prompto para fuaccionar até o mez de Agosto do corrente anno; sorá situado em um predio da rua da Saude com caes para embarque e descarga dos generos e mercadorias a receber e expedir por mar; assim como com facilidade para embarques pelas estradas de ferro e coasumo local.—Os machinismos encomendados aos melhores fabricantes da Inglaterra, quo garantem o typo mais moderno e a installação mais aperfeçoada para fabricar as melhores farinhas pelo systema Austro-Hungaro, serão montados por profissionais competentes e sob a direcção e fiscalisação de Carlos Gianelli, o qual se obriga a entregar o estabelecimento montado e prompto para trabalhar no praso fixado e pelo custo de 600.000\$000.—Os machinismos terão capacidade para moer cerca de 80 toneladas de trigo por dia, podendo ser augmentados, quando convier, até o duplo da moagem para o que tem o estabelecimento as necessarias proporções.

GÉRENCIA — O moinho será dirigido por Carlos Gianelli e Leopoldo Gianelli que são os socios solidarios, sob a firma de GIANELLI & C.; ambos têm longos annos de pratica neste ramo de industria, tanto no Rio da Prata como no Rio de Janeiro.

Uma das grandes vantagens, com que conta esta sociedade, é ter entre os seus accionistas a maior parte de negociaates de farinha e padeiros.—Os calculos juntos dos lucros provaveis apresentam um lucro liquido de 30 % sobre o capital realizado, deixando-se 94.195\$400 para cobrir dividas perdidas, depreciação dos machinismos e differença de cambio aa compra do trigo; e sendo os preços da venda das farinhas e do farello tomados muito abaixo dos actuaes do mercado, e o preço do trigo consideravelmente mais alto do que se tem verificado até aqui, os Srs. Gianelli & C. não exageram apresentando os lucros provaveis de 30 %.

COMISSÃO FISCAL — Será nomeada todos os annos uma comissão de accioistas a fim de fiscalizar os negocios da sociedade.—Propomos para membros desta comissão os Srs. accionistas:

E. A. E. Phipps — (Phipps Irmãos & C.)

Joaquim de Mattos Vieira — (Camara & Gomes.)

José Leite de Castro — (Moraes, Castro & C.)

José Maria Vieitez — (Vieitez & C.)

sujeito á sua acceptação e confirmação na 1ª assembléa geral.

Esta comissão tomará a si o encargo, além dos negocios da sociedade, de fiscalizar as obras, machinismos, etc. do moinho em projecto durante a sua construcção.

A subscrição de acções foi aberta no London & Brazilian Bank, Limited, á rua da Alfandega, no dia 25 do corrente, onde está exposta a planta do moinho. Para informações e prospectos no mesmo Banco; na rua do Ouvidor n. 34, sobrado, e nos escriptorios dos Srs. Phipps Irmãos & C., rua do Visconde de Iaháua n. 16, e Moraes Castro & C., n. 63 rua do Carmo.

Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1887.

Gianelli & C.

N. B. — As entradas serão feitas do modo seguinte:

5 % no acto da subscrição das acções no Banco.
5 % no acto da assignatura do contracto social.
15 % trinta dias depois deste acto, e a 4ª de
25 % até o dia 15 de junho do corrente anno.

CALCULOS DOS LUCROS PROVAVEIS

ASSIGNADO POR CARLOS GIANELLI

Trigo:				
80 toneladas de trigo por dia, em 300 dias de trabalho, 24,000 toneladas por anno, a 95\$ por tonelada.....	2.280.000\$000			
Carvão:				
1.600 toneladas a 20\$000.....	32.000\$000			
SUPERINTENDENCIA, mão de obra e pessoal de escriptorio.....	50.000\$000			
DESEZAS DE AZEITE, concertos de correias e outras miudezas.....	4.000\$000			
SEGUROS de predio, machinas e mercadorias em deposito.....	9.000\$000			
IMPOSTOS e decimas.....	1.000\$000			
EXPEDIENTE da Alfandega.....	48.000\$000			
SACCOS ou barricas para farinha.....	115.999\$800			
SACCOS para farello.....	40.600\$000			
JUROS e corretagem.....	25.000\$000			
PARA COBRIR dividas perdidas.....	20.000\$000			
DEPRECIACÃO de machinismo e do edificio.....	20.000\$000			
EVENTUAES como ser differenças de cambio, etc.....	54.195\$400			
GERENTE	18.000\$000			
LUCROS estimados (30 % liquido).....	300.000\$000			
	3.017.795\$200			
FARINHA EXTRA , igual á melhor de Trieste, 35 % do trigo, 8.400 toneladas, 93.333 barricas a 15\$500....		1.446.661\$500		
FARINHA PRIMEIRA , igual ás melhores americanas, 30 % de trigo, 7.200 toneladas, 80.000 barricas a 14\$500.....		1.160.000\$000		
FARINHA SEGUNDA , para bolacha e fabrica de tecidos, 7 1/2 % do trigo, 1.800 toneladas, 20.000 barricas a 12\$000.....		240.000\$000		
		2.846.661\$500		
Desconto de 7 %.....		199.266\$300		2.647.395\$200
Farello:				
24 1/2 % de trigo, 5.880 toneladas, 140.000 saccos a 2\$000.....		280.000\$000		
Desconto de 2 %.....		5.600\$000		274.400\$000
Saccos vazios grossos:				
Vindos com trigo, 240.000 a 400 rs. cada um.....			96.000\$000	
				3.017.795\$200

Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1887

CARLOS GIANELLI